

política

preciso diminuir tributação, diz Muller

Perfil



FOTOS: FABIOLA CORREA/JC

Hugo de Oliveira Muller é neto do ex-presidente da Fiergs Heitor José Muller e filho do CEO da Vibra Foods, Gerson Luis Muller. Possui graduação em Engenharia de Produção pela Ufrgs e cursou especialização em Finanças e Contabilidade pela London School of Economics and Political Science (LSE). Atualmente, é sócio e diretor de Operações da Bateleur, casa de referência na estruturação e condução de transações societárias (M&A) e no desenvolvimento de projetos de crescimento para grandes corporações da região Sul do Brasil. A empresa conta com escritórios em

Porto Alegre e Florianópolis. Também já atuou na área financeira da adquirente Getnet, empresa do Grupo Santander no Brasil. Ingressou no Instituto de Estudos Empresariais – entidade que organiza o Fórum da Liberdade – em 2021. Foi diretor financeiro na gestão de 2024/2025 e vice-presidente no mandato de 2025/2026. Assumiu a presidência da entidade em maio e deve permanecer no cargo até abril de 2027. Um dos desafios da sua gestão será a organização da 40ª edição do Fórum da Liberdade, uma das tarefas às quais se dedica atualmente.

cas que permitam que o cidadão tenha livre iniciativa e consiga resolver os problemas por si mesmo, sem que o Estado tenha que ser o guia de tudo. Dito isso, temos que passar pelo tema da infraestrutura, porque o Estado carece muito de desenvolvimento...

JC - E o que destacaria?

Muller - A economia do Estado, voltada para o agro, está sendo bastante impactada nos últimos anos por intempéries climáticas, tanto as secas quanto as chuvas intensas. A irrigação deve fazer parte da infraestrutura que precisamos desenvolver. Além disso, precisamos criar políticas públicas que apontem soluções definitivas para problemas como a enchente que tivemos há dois anos. Claro que é um tema mais forte nos municípios da Região Metropolitana, do Vale do Taquari e outras regiões que ainda não endereçaram soluções de forma definitiva. Outra questão importante é o envelhecimento da população. Tivemos

alguns avanços em termos de reformas dentro do Estado, que melhoraram um pouco a situação (da Previdência), mas ainda há muito a ser feito. Por fim, defendemos que o Estado não ocupe tanto espaço na sociedade, tanto a nível de orçamento quanto de iniciativa. É necessário dar liberdade para que os indivíduos resolvam o que, talvez, o Estado não consiga atingir na ponta.

JC - Sobre o tamanho do Estado, uma reclamação do setor privado diz respeito à alta carga tributária. O País está iniciando a transição prevista na reforma, que deve simplificar a tributação. Como avalia esse processo?

Muller - Não acho que o tema da reforma tributária seja o principal ponto. Obviamente, é um tema relevante e deve ser discutido. Mas a carga tributária é muito mais importante que a reforma tributária. Não há dúvida de que a simplificação é importante. A diminuição das horas que o empresariado e o povo

têm que gastar para pagar seus tributos deve diminuir. É um peso grande que o Estado brasileiro tem imposto sobre o cidadão há algum tempo. Isso deve ser debatido, melhorado. Mas o ponto principal é a carga. O nível de tributos é proporcional ao que, muitas vezes, é gasto para sustentar coisas que não geram benefícios reais na economia. Muitas vezes, o governo cria um gasto que não gera benefícios reais na economia para o empresário, para o cidadão, para as pessoas, enfim, não gera crescimento econômico. Então, é importante diminuir o número de horas que as pessoas passam calculando seus impostos, mas é ainda mais importante diminuir o tempo que as pessoas gastam para pagar o imposto. Hoje, o brasileiro trabalha até maio só para pagar seus impostos (segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação). Só depois começa a ter o seu salário, o seu resultado para si mesmo.

JC - O peso do Estado é o maior desafio para a iniciativa privada no Brasil?

Muller - Isso inclui a elevada carga tributária, oriunda de gastos públicos que muitas vezes não geram benefício econômico real, mas passa também pelo tema da segurança jurídica. O Estado brasileiro precisa aliviar o peso sobre a iniciativa privada para que o Brasil possa explorar todas as oportunidades que tem. O Brasil é um país com muitas oportunidades, com recursos naturais abundantes, com uma população trabalhadora. É um país que pode, sim, ter um grande salto de crescimento e atingir o potencial que todos nós acreditamos. A crença do Fórum da Liberdade sempre foi ter um Estado mais leve, deixar a iniciativa privada e os cidadãos do Brasil mais livres para empreender e inovar dentro da economia.

JC - Poderia dar alguns exemplos das potencialidades do País?

Muller - Algumas são muito evidentes. Por ter uma vastidão territorial, o Brasil tem uma abundância de recursos naturais, uma diversidade de climas, que, se utilizados de maneira consciente e produtiva, podem alavancar vários setores. Vemos todo o impacto do Brasil na segurança alimentar do mundo, através do agro. Essa é uma potencialidade clara, e que já é uma realidade. O segmento de energia também tem muitas potencialidades. Temos exemplos muito bons na produção de biocombustíveis e geração de energias limpas, como eólica, hídrica e outras. Deixando as pessoas empreenderem com liberdade, esses dois setores talvez tenham um descolamento da reta normal de crescimento do país. Ainda podemos citar o tema dos data centers e de toda a infraestrutura tecnológica demandada pela inteligência artificial.

JC - O IEE pretende organizar um debate em agosto com os candidatos do RS ao Senado. Por que avalia que é importante?

Muller - O IEA e o Fórum da Liberdade decidiram fazer o debate com os pré-candidatos ao Senado, por entender que essa é uma eleição muito relevante, especialmente por conta da força que algumas pautas têm tido no debate público e no noticiário brasileiro. Dentre outras, o tema institucional do Estado de Direito e do balanceamento entre os Três Poderes. Além disso, essa é uma eleição que geralmente tem menos atenção, se comparada com a da presidência da República. As pessoas muitas vezes

nem sabem que vão ter que votar em dois senadores nessa eleição. Por isso, no melhor espírito do Fórum da Liberdade, de trazer debates profundos e livres ao palco, decidimos trazer o debate com os pré-candidatos ao Senado.

JC - Assumiu a presidência do IEE em maio e vai permanecer no cargo até abril de 2027. Qual a principal bandeira que o seu mandato deve trazer?

Muller - O ponto principal da gestão vai ser a comemoração dos 40 anos do maior evento da entidade, o Fórum da Liberdade (que completa quatro décadas de existência em 2027). É um marco importante. Muita gente não entende a relevância do evento para a sociedade e a consistência mantida ao longo dos anos. A gente precisa valorizar isso.

JC - Muitas lideranças políticas do RS citam o Fórum da Liberdade como uma referência na sua formação política...

Muller - No século passado, diziam que os liberais - que defendiam o mercado, a iniciativa privada e as liberdades individuais - cabiam em uma kombi. Hoje o Fórum da Liberdade lota o auditório da PUC com mais de 7 mil pessoas inscritas no evento, quase 6 mil presentes na programação. É um público diversificado, com muitos jovens, representantes do empresariado, entre outros. Trata-se de um evento de repercussão nacional que traz nomes extremamente relevantes. Se pegarmos o painel do Roberto Campos no primeiro Fórum da Liberdade em 1988, percebemos que muitas das coisas que ele falou poderiam ser aplicadas hoje. Óbvio, algumas coisas a gente resolveu, outras definitivamente não. Mas o conceito do fórum, como um evento de consistência de ideias e princípios, vamos manter pelos próximos 40 anos.

JC - O Fórum da Liberdade de que aconteceu em abril foi o maior da história do IEE? Qual a expectativa para o próximo?

Muller - Foi o maior fórum até agora. Espero que tenhamos vários maiores. Esse é um dos desafios da gestão, porque a barra vai aumentando ano após ano. O fórum e o IEE foram construídos por muitas pessoas ao longo das mais de quatro décadas de atuação. O fórum formou uma linha condutora e ganhou um protagonismo no movimento em defesa da liberdade no Brasil. Hoje, o fórum é um evento de renome internacional, considerado pela Revista Forbes o maior palco de debate da América Latina.